5ª PARTE
A CASA E O QUOTIDIANO

1. OS ESPAÇOS DOMÉSTICOS

> "As casas orientadas a norte são mais saudáveis; as orientadas a sul são mais doentias.
>
> As casas revestidas com mármore e outras pedras resultam excelentes no Verão, especialmente para os jovens, se bem que não sejam muito boas no Inverno nem em qualquer outra época do ano em que predomine o frio, sobretudo para os anciãos e os paralíticos."
>
> (TRATADO DOS ALIMENTOS, M 24r, E 141v)

Ao analisar-se o povoamento rural do período muçulmano não pode deixar de fazer-se alusão aos espaços habitacionais onde se desenrolavam as actividades domésticas. Ao contrário das construções do período romano, feitas com aparelhos bastante resistentes, as paredes das casas islâmicas são feitas, habitualmente, com argamassas pouco consistentes, utilizando-se especialmente uma sobreposição de blocos irregulares de pedra, misturada com terra, e paredes de taipa, por vezes praticamente impossíveis de distinguir no registo arqueológico por facilmente se terem desagregado com os séculos de abandono dos edifícios.

As casas rurais, de alicerces geralmente sem caboucos de fundação, são sempre edifícios muito simples, branqueados pela cal mas sem adornos, por vezes com uma única habitação (casas monocelulares), outras, com salas em redor de um pátio central (casas pluricelulares), que estão muito longe de poderem comparar-se aos sumptuosos palácios com inúmeras salas, pátios e pórticos revestidos por estuques trabalhados. Porém, também algumas casas abastadas das cidades possuíam decoração arquitectónica com estuques pintados com motivos geométricos, gessos trabalhados e rendilhados, pórticos com colunas e capitéis esculpidos, tectos de abóboda ou de madeira pintada ou esculpida.

As fachadas dos edifícios, mesmo em meios urbanos, eram muito sóbrias, com portas que davam acesso ao pátio interior por meio de um corredor, ou saguão, e, se existiam janelas para a rua, elas eram altas, estreitas e tinham ajimezes e gelosias com o fim de proteger o interior da indiscrição dos vizinhos. Como curiosidade, convém referir alguns aspectos da documentação, com três casos jurídicos de queixas ligadas à preservação da intimidade do lar: "o primeiro referia-se ao acondicionamento da porta ou de uma janela da qual se podia ver o que se passava na casa vizinha, fosse para o corredor de acesso ou, mais grave, para o pátio; o segundo referia-se ao estabelecimento de uma tenda, aberta na frente da porta de uma casa particular; o terceiro, mais anedótico, tratava da curiosidade excessiva manifestada, a partir do alto dos minaretes, por alguns muezins faltos de delicadeza" (VAN STAEVAL, 1995: 59).

No interior e nos pátios dessas moradias, espaços femininos e domésticos por natureza, preparavam-se e cozinhavam-se as refeições, em lareiras estruturadas directamente sobre o solo. O armazenamento de água, recolhida nas cisternas ou retirada de noras, de poços ou directamente das nascentes, era normalmente feito em cântaros que se dispunham encostados às paredes das habitações. Os alimentos guardavam-se em potes e talhas, colocados habitualmente em recantos das casas, e as principais reservas de cereais eram armazenadas em silos subterrâneos, por vezes abertos no interior das próprias moradias.

1.1. Os aparelhos e os materiais de construção

Entre os vestígios identificáveis numa área de povoamento muçulmano, os materiais de construção são, juntamente com as cerâmicas, os melhores indicadores arqueológicos. Os aparelhos de construção mais comuns no Algarve Oriental são fundamentalmente a pedra e a taipa, provenientes dos arredores dos locais de *habitat*, sendo a cobertura dos edifícios feita em telhados de uma ou duas águas cobertos por telhas de meia cana.

Os aparelhos de calcário dominam nos povoados localizados no litoral e no Barrocal, onde impera um substrato geológico do jurássico e pós-jurássico, enquanto que o xisto e o grauvaque são exclusivos das zonas interiores abrangidas pelo maciço antigo do Carbónico. A taipa, utilizada conforme as regiões e as épocas, apresenta consistências diversas: mais compacta no litoral e Barrocal devido à melhor qualidade das argilas; menos consistente a da serra, feita à base de argilas e terras de aluvião das ribeiras, misturadas com areão grosso e pedras taliscas em resultado das falhas do xisto.

No que diz respeito ao tipo de aparelhos usados nas construções de pedra, "em época muçulmana, se o grande aparelho é a excepção, o pequeno e médio

aparelho são a regra" (BAZZANA, 1992: 67). Os grandes blocos de pedra usaram-se exclusivamente em algumas das construções imponentes, designadamente nas muralhas da alcáçova de Mérida, construídas no século IX, e abundaram nas construções militares de época califal. Os silhares bem aparelhados, dispostos alternadamente na vertical e na horizontal, resultaram no aparelho designado por "soga e tição". Na área em estudo não se observou este tipo de construção, visto que a geologia da região apenas permite construções de médio e pequeno aparelho, com blocos irregulares de pedras intercaladas com argila.

No Algarve Oriental, o emprego da pedra nas construções islâmicas é semelhante ao de outras áreas do Andaluz, designadamente na região valenciana, onde se observaram quatro tipos de aplicação: construções de pedra seca; pedra ligada com argila (ou pedra e argamassa de terra e água); pedra com argamassa de cal; e pedra empregue numa mistura modelada com o auxílio de taipais (BAZZANA, 1992: 68). Na região em estudo, as construções totalmente de pedra seca devem ter sido as menos utilizadas, excepto para algumas muralhas feitas com grandes blocos sobrepostos, de tamanhos irregulares. Predominam as três restantes:

1. A pedra argamassada com terra ou argila aplica-se praticamente em todas as casas rurais e nas construções dos edifícios do Castelo Velho de Alcoutim e do Castelo das Relíquias. Este tipo de aparelho pode ser dividido em várias subcategorias:

a) colocando-se blocos em camadas horizontais sobrepostas, intercaladas com barro amassado, onde se incluem, nos intervalos, fragmentos de telhas, pequenas pedras taliscas e nódulos de quartzitos;

b) colocando-se pedras de médias dimensões, sobrepostas nas faces externas das paredes, com enchimento interno feito numa mistura de terra, pedras pequenas e fragmentos de telhas;

c) colocando-se fiadas de pedras horizontais seguidas de fiadas na diagonal, a fazer efeito de espinha. Este tipo, a imitar o *opus spicatum*, encontrou-se em algumas das paredes dos edifícios do Castelo Velho de Alcoutim.

2. A pedra ligada com argamassa de cal está representada principalmente em estruturas que exigem uma certa resistência, designadamente na cisterna e na porta de entrada do Castelo Velho de Alcoutim.

3. As argamassas de terra e pedra, em cofragens, utilizam-se sobretudo a partir do século XI nas construções de taipa e estão amplamente representadas por todo o Andaluz nos castelos de taipa almorávidas e almóadas.

Perde-se no tempo a utilização da terra na construção de estruturas habitacionais, visto que desde a pré e proto-história se usou amplamente em todas

as regiões da bacia do Mediterrâneo e, segundo um texto de Plínio, "as torres de Aníbal na Península estavam construídas desse modo" (TORRES BALBAS, 1985: 557). O emprego de aparelhos de terra e taipa muçulmanos está demonstrado desde o século IX na construção de muralhas. Em princípios desse século foi construído um alcácer com paredes de terra na cidade de Toledo; as primeiras muralhas de Badajoz eram de terra e no período califal muitos castelos tinham muralhas e torres de taipa. Mas a generalização desta técnica construtiva em castelos e estruturas habitacionais verificou-se principalmente a partir do século XI/XII, mantendo-se praticamente até à actualidade nas técnicas tradicionais de construção de várias regiões de Portugal, nas paredes de casas urbanas e rurais, assim como nos muros de divisão de propriedades.

Meio pouco dispendioso e de fácil aplicação, as construções de terra podem dividir-se genericamente em três tipos. Os adobes não estão representados nos sítios até agora prospectados e escavados, à excepção do povoado de Vale do Bôto, onde se identificaram alguns possíveis restos misturados com os derrubes. Os enchimentos de terra em paredes revestidas no exterior com pedra aparecem com certa frequência nas estruturas habitacionais e em algumas muralhas, designadamente no Castelo de Salir. A taipa, montada com ajuda de taipais de madeira, está amplamente confirmada, por exemplo, em algumas das estruturas habitacionais de Vale do Bôto e nas do Castelo de Salir, precisamente em construções que podem atribuir-se aos períodos almorávida e almóada.

Trata-se de taipas de variadas tonalidades e consistências, mais alaranjada a utilizada em Vale do Bôto; mais escura e consistente a que se registou no Castelo de Salir. A terra argilosa é sempre empregue com a mistura de vários inertes, como a palha, o areão, a gravilha, pequenas pedras e outros materiais, designadamente ossos, telhas e fragmentos de recipientes de cerâmica mais ou menos triturados, de modo a tornar-se numa argamassa compacta e resistente às intempéries.

No tratamento final do revestimento das paredes das casas muçulmanas verifica-se, quase sempre misturados com os derrubes, a utilização de rebocos de cal e areia sobre os quais se aplicavam várias camadas de aguada de cal. Trata-se de casas sem grandes ornamentos, ao contrário do que acontece em alguns edifícios urbanos ricamente revestidos com estuques pintados e trabalhados. Ao descrever os lugares de al-Andaluz no século XIII, Ibne Saíde aludiu "as suas casas, continuamente caiadas de branco, por dentro e por fora, dá gosto vê-las ao lado das árvores" (COELHO, 1972: 86). O estuque pintado seria pouco utilizado em meios rurais excepto no revestimento interno de algumas cisternas. Particularmente a do Castelo das Relíquias, hoje completamente destruída, devia ter cobertura com estuque vermelho visto que na mesma área se recolheram

alguns pequenos blocos à superfície.

Se as casas com pavimentos de mármores e outras pedras eram consideradas frescas, mas pouco saudáveis para as pessoas idosas e para os doentes, como se pode ler no *Tratado dos Alimentos*, elas seriam uma raridade no mundo rural. No entanto, determinadas salas, e principalmente os pátios, podiam ser revestidos com lajes, como acontece em algumas casas de Alcaria Longa, em Vale do Bôto e no Castelo de Salir.

Os pavimentos com ladrilhos seriam igualmente pouco usuais nas humildes casas campesinas. Contudo, recolheram-se alguns entre os derrubes das estruturas habitacionais de Vale do Bôto e o compartimento D do Castelo Velho de Alcoutim estaria assim revestido, ainda que só parcialmente, visto terem-se conservado os ladrilhos, bastante fragmentados, apenas em duas zonas junto de paredes. As suas características são as seguintes: placas rectangulares de argila com pastas bem cozidas, medindo entre 20 cm e 25 cm de largura por 30 cm a 35 cm de comprimento e com espessuras variáveis, de 2,5/3,5 cm até 5/5,5 cm, semelhantes aos ladrilhos romanos e por vezes com traços diagonais feitos com os dedos.

Os solos de *habitat* mais comuns eram preparados com uma fina camada de barro compactado e seriam refeitos ciclicamente à medida da necessidade de reparação. Mas em algumas casas identificadas nas escavações de El Castillejo (Los Guajares, Granada) observou-se que os respectivos solos estavam nivelados com uma camada de cal resistente que cobria um enchimento de gravilha e pedra (BERTRAND *et al*, 1990: 209). Algumas salas podiam ser ainda revestidas por esteiras de esparto, sobretudo nas áreas de dormir, sobre as quais se colocava uma cama ou uma simples enxerga. A propósito dos leitos, o *Tratado dos Alimentos* estipula que "um colchão de algodão cardado (...) é muito bom para aquelas pessoas que não se vejam obrigadas a dormir num leito duro" (*ibid.*: P 30V) e que as melhores cobertas ou lençóis são as finas e suaves, feitas de algodão, de linho e de seda (*ibid.*: E 142 r).

As casas rurais muçulmanas eram habitualmente edifícios de um só piso, embora existissem também as que tinham aposentos superiores: "estas habitações, situadas nas partes altas das casas, são mais adequadas no Verão, especialmente em épocas de epidemia; as salas baixas, no Inverno e períodos normais, são melhores que as altas" (TRATADO DOS ALIMENTOS, E 141v). Esses pisos elevados, com acesso a partir de uma escada normalmente situada no pátio, podiam ter quartos ou uma galeria que se abria para o mesmo. Também deviam existir casas com açoteias, cujo costume ainda hoje se mantém no Algarve, mas eram mais usuais as que tinham um telhado de uma ou de duas águas, cujas telhas assentavam directamente sobre um travejamento de madeira.

No caso das casas tradicionais com pátio central, os telhados deviam ser de

uma água a inclinar para o interior do pátio, onde podiam existir canalizações para escoar as águas pluviais, como se pode observar no pátio do espaço habitacional 3 do Castelo de Salir que tem uma canalização a confluir para outra mais larga que passa pela rua. As estruturas habitacionais do Castelo Velho de Alcoutim teriam dois tipos de telhados: de uma água, as que se encontravam adossadas às muralhas; de duas águas, as do edifício central, de planta rectangular e com compartimentos a abrir para a rua A e para a rua C, oposta à primeira. Os tectos seriam normalmente de telha vã ou poderiam eventualmente ser forrados com caniços unidos com argila, técnica que ainda hoje se pode observar em algumas das casas rurais mais antigas do Algarve. Também nos edifícios 4 e 8 de El Castillejo, nos pisos superiores, pela observação dos restos materiais encontrados, se confirma o uso de caniços revestidos com cal, que assentavam sobre vigas de uns 8 cm de diâmetro, e na casa 0 o sobrado era feito de cal aplicada sobre esteiras de esparto (BERTRAND *et al.*, 1990: 209).

As telhas muçulmanas, à semelhança do *imbrex* romano, eram de meia cana, apesar de se poderem observar algumas pequenas diferenças no tipo de curvatura que, aparentemente, seria mais acentuada a partir do período califal. Por outro lado, a partir de uma época que não posso precisar com segurança, entre a Antiguidade tardia e o período emiral/califal, constata-se o predomínio de telhas profusamente decoradas que parecem começar a tornar-se mais raras a partir dos períodos almorávida e almóada.

No que diz respeito aos fabricos, são, sem dúvida, de âmbito local, com pastas mais ou menos grosseiras e com desengordurantes e tonalidades diferentes consoante as regiões. Tomando como exemplo as recolhidas em prospecções na serra e as exumadas no Castelo Velho de Alcoutim e no Castelo das Relíquias, observa-se uma constante nas pastas heterogéneas mas bem cozidas, de tonalidades castanhas avermelhadas e alaranjadas vivas, por vezes com núcleo cinzento escuro, onde predominam como desengordurantes o areão de ribeira, os grãos de quartzo e de xisto. Nas telhas recolhidas nas áreas do Barrocal e do litoral, designadamente em Vale do Bôto e no Castelo de Salir, as pastas são sempre mais homogéneas, de tonalidades alaranjadas e até de cor creme acinzentada e esverdeada, com componentes não plásticos em que se nota a ausência de grãos de xisto.

Para as fabricar, o oleiro colocaria o rolo de barro ao longo da perna a partir do joelho, para o que se protegeria com uma serapilheira. Moldava-as com os dedos, em forma de meia cana afunilada: as recolhidas inteiras no Castelo Velho de Alcoutim e no das Relíquias possuem normalmente um comprimento médio de 47 cm a 50 cm, uma largura máxima com 20 cm a 22 cm e mínima com 14/15 cm, sendo as espessuras praticamente constantes, com cerca de 2,5/3 cm. As poucas que restavam completas, registadas no Castelo de Salir, tinham um

comprimento aproximado de 42 cm, uma largura máxima de 18 cm e mínima de 10 cm, com espessuras que variavam entre os 2 cm e 4 cm, as quais se aproximam mais das exumadas no povoado de Vale do Bôto.

O tratamento de superfície é desigual nas duas faces: na superior, é alisada e normalmente decorada; na inferior, pode apresentar traços longitudinais deixados pelo correr dos dedos do oleiro, mas é, quase sempre, muito rugosa e irregular, com marcas das serapilheiras ou esteiras sobre as quais se fabricavam. No acabamento final notam-se igualmente algumas variantes: bordos simples ou com impressões laterais e longitudinais, provocando efeitos lobulares, denteados ou com simples pressões irregulares feitas com os dedos.

Pelo que me foi dado observar nos sítios prospectados e escavados, a maior ou menor profusão de decorações pode ter variado conforme as épocas. Assim, em sítios romanos e tardo-romanos sem continuidade de ocupação no período muçulmano são muito raros os *imbrices* decorados, ao contrário do que se verifica por exemplo nos povoados de altura e nos castelos omíadas até agora escavados. Neste caso, as telhas apresentam-se sempre decoradas com uma ampla profusão de desenhos feitos com os dedos, com um punção ou com um pente, resultando em padrões decorativos em ziguezague, em ondulado, em reticulado, em xadrez, em entrançado, com incisões em forma de cunha, com semicírculos secantes, etc.

As telhas praticamente sem decoração e com superficiais traços digitados longitudinais ou ligeiramente ondulados parecem associar-se aos povoados mais tardios, começando talvez a predominar a partir do período almorávida, e encontraram-se entre os derrubes das estruturas habitacionais de Vale do Bôto e do Castelo de Salir. Também nestes dois sítios pode observar-se que, para além das telhas com pastas alaranjadas, existem outras com pastas e superfícies de cor creme amarelada, acinzentada e esverdeada, praticamente sem qualquer decoração.

De particular interesse se reveste o facto de ter encontrado fragmentos de telhas com parte de inscrições em árabe, uma recolhida nos derrubes das estruturas habitacionais de Vale do Bôto e duas encontradas à superfície no Castelo de Altamora. São do mesmo tipo de outras registadas recentemente no Montinho das Laranjeiras (COUTINHO, 1993: 47, D-15-04). Trata-se provavelmente de versículos do Corão destinados à protecção do lar, como acontece com uma inscrição, embora mais tardia, encontrada em Novalles (Saragoça), entre os derrubes de um telhado (GARCIA SERRANO, 1987: 175-279).

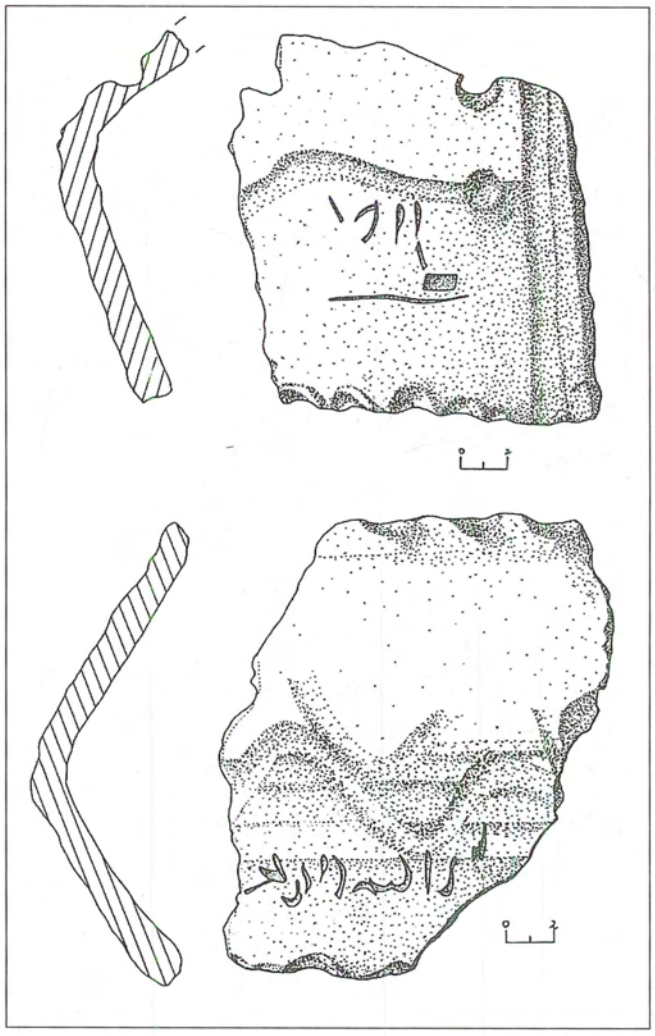

Fig. 64 - Fragmentos de telhas, com inscrições, recolhidas nas prospecções do Cerro do Castelo de Altamora.

1.2. A estrutura da casa

As casas rurais, de pedra ou de taipa consoante as épocas e as regiões, tinham habitualmente um pátio e uma ou várias salas com lareira que servia às necessidades domésticas e como fonte de luz e de calor. Crescendo as pequenas aldeias no meio dos campos e ao longo dos caminhos, os espaços habitacionais aumentavam normalmente à medida das necessidades do agregado familiar, com acrescentos em torno da casa paterna, ou com o alargamento da povoação para áreas próximas do núcleo de *habitat* original. No entanto, as grandes alcarias teriam os espaços relativamente bem organizados, ao longo de ruas que afluíam para pequenas praças onde se podiam situar os banhos públicos ou uma mesquita.

Os alicerces dos edifícios rurais construíam-se habitualmente assentando no afloramento rochoso, praticamente sem caboucos de fundação. Contudo, em algumas paredes externas de casas do Castelo de Salir notavam-se alicerces com roços pouco profundos (cerca de 20/30 cm) na brecha calcária. Nas construções de Vale do Bôto, do Castelo Velho de Alcoutim e do Castelo das Relíquias, as paredes assentavam directamente numa camada de terra argilosa compacta que serviu para nivelar a rocha e como apoio dos alicerces. Nas paredes de taipa assentes sobre um soco de pedra, esta base pode ter apenas duas a três fiadas horizontais de pedras argamassadas com terra, como acontece na maior parte das identificadas em Vale do Bôto e num pequeno troço registado no Castelo de Paderne, ou atingir mais de 50 cm de altura em algumas das paredes externas nas casas do Castelo de Salir.

A partir da análise dos módulos de construção elaborada para a região valenciana constatou-se que "no mundo muçulmano como no mundo cristão, as medidas, as maneiras de jogar com as superfícies, os modos de determinar as espessuras das alvenarias, como as dimensões dos cunhais de pedra, variam pouco numa mesma época e numa mesma região; eles podem ser, por conseguinte, um meio de situar cronologicamente um edifício ou, pelo menos, definir a área de civilização (cristã ou islâmica) à qual pertencem" (BAZZANA, 1992: 99). Para o Sharq al-Andaluz verificou-se uma certa constante métrica nas espessuras de paredes, sendo as medidas mais frequentes as que se aproximam do côvado de 0,47 m e em torno dos 0,51 m as construções mudéjares e mouriscas.

Esta constante métrica registada por Bazzana parece aplicar-se também, embora pouco rigorosamente, em relação aos sítios por mim escavados no Algarve. O côvado geométrico manual ou comum, aproximadamente com 0,42 m, registou-se apenas no troço de parede do nível 6 do Castelo de Paderne, precisamente numa fortificação onde a média das medidas das cofragens é de 0,84 m.

O côvado *ma'muni* de 0,47 m, inventado no século IX pelo califa al-Ma'mun, corresponde aproximadamente à maioria das medidas observadas. Nos restos de taipa dos edifícios do Castelo de Salir e do povoado de Vale do Bôto verificaram-se espessuras médias de 0,47 m, embora os alicerces de pedra possam atingir 0,50 m. Nas estruturas com alvenaria de pedra, nos castelos omíadas de Alcoutim e Relíquias, constataram-se algumas variáveis. No primeiro caso, observa-se uma certa constante de espessuras entre os 0,47/0,48 m a 0,50 m, nas paredes da última fase de ocupação e 0,45/0,47 m nas da primeira fase. No segundo caso, excepto nas construções próximas da latrina, com 0,50 m de espessura, nas paredes externas dos edifícios observaram-se medidas que oscilavam entre 0,55 m e 0,60 m, ultrapassando o côvado *rassasi* que media segundo os casos

0,52244 m ou 0,5572 m e que correspondeu, mais tarde, ao côvado mourisco e castelhano (BAZZANA, 1992: 100).

Também em Vascos (Toledo), cidade com cronologia de ocupação idêntica à do Castelo das Relíquias, se observou que as paredes, sem caboucos de fundação e compostas por uma base de pedras travadas com outras, mais pequenas e fragmentos de telhas argamassadas com barro, apresentavam espessuras que oscilavam entre os 50 cm e os 60cm (IZQUIERDO BENITO, 1990: 148). O mesmo se constatou para as paredes mestras das casas almóadas da alcáçova de Mértola, com 60 cm de espessura (MACIAS e TORRES, 1995: 165) e no povoado de Cuesta Roca (Sénes, Almeria), desertificado no século XVI, as paredes mestras de uma das casas escavadas apresentavam espessuras entre 0,61/0,63 m a 0,69/0,70 m na base, enquanto que as divisórias internas eram mais estreitas, variando entre 0,30 m a 0,41/0,43 m (CRESSIER *et al.*, 1990: 230).

A partir dos escassos exemplos de escavações em povoados rurais islâmicos do Sul de Portugal, podemos observar diferentes tipos de ocupação do espaço, à semelhança do que acontece para outras áreas do território de al-Andaluz. No caso de Vale do Bôto, os edifícios de época tardia encontram-se afastados da área de implantação romana e, eventualmente, islâmica antiga, numa zona onde teria existido uma primitiva necrópole. As casas, umas aparentemente monocelulares, outras com pátio central, parecem estender-se ao longo de uma rua. Também no Castelo de Salir se nota a existência de uma rua estreita que termina na muralha, ladeada por construções de um bairro periférico do castelo. Quanto a Alcaria de Torre de Bofilla (LÓPEZ ELUM, 1994), a ampla área escavada permitiu observar uma malha organizada de ruas paralelas e perpendiculares que confluem em pequenas praças, numa das quais se situam os edifícios dos banhos públicos.

De um modo geral, embora possam existir casas de uma única divisão, a arquitectura doméstica muçulmana caracteriza-se por escassos vãos exteriores e edifícios organizados com divisões a abrirem para um pátio central. Porque se constatam habitualmente grandes semelhanças de plantas, tanto nas casas rurais como urbanas, pode considerar-se, como referem Guichard e Van Staevel (1995: 49), que existia uma certa fidelidade dos construtores em reproduzir certos modelos de organização doméstica e o seu empenhamento em perpetuar determinadas formas arquitectónicas.

Ao abrir-se a porta que dava acesso à via pública, entrava-se normalmente para um saguão ou directamente para o pátio em torno do qual se encontram a sala, por vezes com uma ou duas alcovas laterais, a cozinha, a latrina e os celeiros ou armazéns. Este tipo de planta, amplamente difundido nas casas hispanomuçulmanas, segue a forma da casa típica mediterrânica e aproxima-se

do modelo das construções romanas das casas de átrio, com *impluvium*, ladeado pelas outras divisões, como se pode observar nos exemplos apresentados por Alarcão (1985). A disposição dos compartimentos habitacionais é feita normalmente em forma de L ou em U, com áreas distintas: o pátio central; uma cozinha com lareiras; uma sala ampla, que também pode possuir uma ou mais lareiras, normalmente com uma ou duas alcovas laterais, às quais se podem juntar pequenos espaços para latrinas, sempre presentes nas casas urbanas, conforme se pode observar, entre muitos outros casos, em alguns dos espaços habitacionais escavados na cidade de Saltes (BAZZANA, 1995: 139-156) ou nas alcáçovas de Silves (GOMES, 1988: 70-77) e de Mértola (TORRES, 1992: 378), nestes casos em edifícios do período almóada.

Particularmente no bairro escavado na alcáçova de Mértola (MACIAS e TORRES, 1995: 168), verificou-se que os edifícios eram térreos, sem indícios arqueológicos de que tivessem pisos superiores. Apresentam paredes mestras com cerca de 60 cm de espessura; áreas que oscilam entre os 45 m^2 e os 88 m^2; as plantas obedecem ao padrão da casa de pátio com acesso a partir do saguão, com entrada em cotovelo e os pátios podem apresentar pavimentos com lajes ou com ladrilhos e ter no centro um pequeno tanque quadrangular. Todas possuem uma sala com alcova, notando-se solos feitos com uma camada dura de argamassa pintada com ocre almagre; uma cozinha com lareiras sobre o solo, embora também se pudesse cozinhar em fogareiros de barro, com vários exemplares documentados no registo arqueológico; outras divisões plurifuncionais que serviam como cozinhas e locais de armazenamento; e as latrinas, presentes em todas as casas.

Da mesma época é o conjunto dos edifícios escavados na cidade de Siyyasa (Cieza, Murcia), reconquistada em 1243. O estudo da organização espacial de 17 edifícios (NAVARRO PALAZÓN, 1990: 178-186) permitiu diferenciar dois tipos de casas:

1. o mais elementar corresponde a construções que não ultrapassam as superfícies de 50 m^2 e que possuem, para além do pátio, com entrada directa, e da pequena latrina, uma ou duas salas amplas e multifuncionais;

2. as casas de estrutura mais complexa, por vezes também com piso superior, abrangem uma maior área construída que oscila, para a maioria, entre os 117 m^2 e os 159 m^2; porém, a casa nº 5 atinge os 234 m^2. As divisões organizam-se em torno de um pátio com acesso em saguão ou cotovelo. Possuem uma grande sala principal para recepção e reunião, com uma ou duas alcovas laterais; algumas têm um segundo salão; têm uma cozinha bem diferenciada, com despensa, lareira e poial; uma latrina normalmente aberta para o pátio num dos seus ângulos, mediante um corredor em cotovelo; um estábulo com manjedoura e espaços definidos para colocação de grandes talhas com decoração estampilhada, em

minúsculos compartimentos situados no pátio.

Algumas das casas desta cidade, sobretudo a nº 10, possuíam uma cuidada decoração arquitectónica em pórticos com gessos trabalhados em rendilhado, estuques com ataurique e janelas geminadas e com arcos decorativos (NAVARRO PALAZÓN e JIMÉNEZ CASTILLO, 1995: 117-137). Praticamente todas as casas, das mais simples às mais complexas, possuíam uma latrina. Das nove identificadas, três delas tinham a canalização directa para a rua e as outras escoavam para uma fossa séptica situada na rua. Uma única possuía o poço cego no interior (*ibid.*: 1990: 181).

Entre os exemplos de resultados arqueológicos obtidos num povoado rural muçulmano escavado em Portugal, salienta-se sítio de Alcaria Longa (Mértola), onde James Boone (1992, 1993, 1994) tem vindo a identificar vários espaços habitacionais que se estendem por uma vasta área com casas e uma possível torre de vigia localizada na zona mais elevada do cabeço. Da área habitacional podem, de momento, individualizar-se três moradias organizadas respectivamente em torno de um pátio:

1. A casa 1 foi dividida em três salas com portas nas paredes internas, para o pátio. Tem uma sala com 5,8x2,8 m de lado, com uma pequena alcova (2,5 por 2,8 m) lateral onde se encontravam duas lareiras; um pequeno cubículo entre esta sala e uma segunda, mais pequena e com várias estruturas de lareiras. A sala 3, só parcialmente escavada, localiza-se na zona sul do pátio.

2. A casa 2 tem uma organização espacial idêntica à anterior. Uma sala com 4,7x2,4 m de lado, com duas lareiras, um minúsculo compartimento na parede oeste, com 1,6x2,3 m de lado, tendo no centro uma lareira circular limitada por pedras e, na parede oposta, outro pequeno espaço com possível forno com estrutura quadrangular na parede. A segunda e terceira salas são espaços amplos tendo uma delas três lareiras.

3. Na casa 3, embora a área escavada seja menor, pode observar-se o mesmo tipo de disposição. Uma grande sala rectangular com 11x2,6 m, subdividida em duas alcovas laterais e com lareiras na sala central. Na segunda sala, a planta corresponde a um compartimento simples com 6,2x2,6 m de lado e com várias lareiras.

Pelo conjunto das casas identificadas em Alcaria Longa pode observar-se que o tipo de edifícios com organização interna em torno de um pátio, predominante em áreas urbanas, também se estende aos espaços rurais. O mesmo tipo de organização do espaço se pode depreender da área restrita da sondagem que efectuei no povoado de Vale do Bôto, embora nenhuma casa fosse integralmente escavada, e o mesmo acontece em alguns espaços habitacionais

identificados no Castelo de Salir, embora a área de escavação também seja ainda muito restrita.

Identificaram-se três edifícios incompletos organizados ao longo de uma ruela estreita, por onde passava uma canalização que escoava para a muralha. No espaço habitacional 1 apenas são visíveis partes de uma cozinha e de um pátio lajeado, enquanto que o espaço habitacional 3 possui um amplo pátio e duas salas rectangulares sem subdivisões para alcovas laterais e tem uma superfície visível apenas com 31 m^2. Por outro lado, o espaço habitacional 2, que abrange apenas uma área coberta com cerca de 24 m^2, pode ter sido, inicialmente, uma casa monocelular que foi dividida em dois compartimentos ou em sala e pátio colocado em frente da casa.

Como acontece no Castelo de Salir, povoação rural dos séculos XII-XIII com recinto amuralhado, na alcaria de El Castillejo (BERTRAND *et al.*, 1990: 209-210), já com uma ampla área escavada, identificou-se um conjunto de casas que podem dividir-se em três tipos:

1. edifícios muito simples e sem pátio central, que incluem apenas uma casa monocelular ou uma sala e pátio ou, ainda, duas a três salas paralelas, neste caso aproximando-se do tipo do espaço habitacional 2 de Salir;

2. casas de tamanho médio, aproximadamente com 45 m^2, com duas salas dispostas em L sobre o pátio, sem alcovas laterais, de tipo semelhante ao espaço habitacional 3 de Salir;

3. construções mais importantes, aproximadamente com 75 m^2, com quatro ou cinco salas dispostas em U sobre o pátio.

Também na sondagem 2 do Castelo Velho de Alcoutim se identificaram estruturas habitacionais correspondentes a três possíveis casas, aparentemente sem estruturas de lareira, mas ainda não totalmente definidas sendo, para isso, necessário alargar a área da escavação. Porém, sou levada a pensar que se trata de edifícios monocelulares ou armazéns, semelhantes a outros, de planta quadrada e rectangular, que foram escavados no Levante Espanhol, designadamente em Monte Marinet, Monte Mollet e Santa Bárbara, interpretados como sendo possíveis armazéns e/ou estábulos desses povoados de altura. Particularmente as casas do povoado de Uxó II, situadas em falésia, dispostas em socalco para a muralha baixa (BAZZANA, 1990: 248), aproximam-se das do Castelo Velho de Alcoutim e teriam uma plausível função de entreposto.

Para além de as plantas das casas rurais hispanomuçulmanas se assemelharem entre si, independentemente da região onde se localizam as povoações, também parece ter existido uma certa constante no tipo de vãos, com poucas aberturas para a rua e para o pátio: portas e simples gelosias que deixavam entrar o ar e a

luz. No caso particular de algumas casas urbanas de Siyyasa (Murcia), os pórticos de entrada para os salões principais apresentavam um vão geminado com pilar central que raramente ultrapassava os 80 cm, excepto na casa 6, onde atingia 1,40 m de largura (NAVARRO PALAZÓN, 1990: 180). Na planta das casas de Alcaria Longa (BOONE, 1993: fig. 1 e 2), a maioria dos vãos de porta tem cerca de 80 cm de largura, embora algumas pareçam atingir 1 m.

Também a largura das portas dos sítios que escavei apresentam poucas variantes. No Castelo das Relíquias, o vão de entrada para a latrina era bastante estreito, apenas com 60 cm de largura, e o outro, que ligava o compartimento B com o D, tinha 80 cm. No Castelo de Salir, as portas internas têm normalmente 80 cm. Contudo, no espaço habitacional 2, a que dá acesso à rua tem 1,10 m e a interna, que foi posteriormente entaipada, tinha apenas 70 cm. A maioria das portas dos compartimentos do Castelo Velho de Alcoutim possuem vãos que oscilam entre os 70 cm, para a maior parte das portas, e os 80 cm, apenas em cinco compartimentos, com duas excepções: a que liga a cozinha A com a rua, que tem 1,20 m de largura, e a do compartimento O (latrina), que tem 90 cm.

Vãos bem estruturados, quase sempre com lajes no patamar de entrada, com orifícios onde assentavam os gonzos das portas de madeira, identificaram-se no Castelo Velho de Alcoutim, no Castelo de Salir e no sítio de Vale do Bôto. A abertura seria travada com um lintel superior feito com uma laje mais comprida do que o vão, como o mostram as encontradas na diagonal sobre os derrubes das paredes entre os vãos das portas, designadamente uma no compartimento S do Castelo Velho de Alcoutim e outra na latrina do Castelo das Relíquias. Algumas portas foram definidas apenas pela interrupção de paredes, principalmente nas zonas mais destruídas, e no compartimento A do Castelo das Relíquias a entrada seria, aparentemente, sobrelevada em relação ao solo, o mesmo acontecendo com o compartimento B do Castelo Velho de Alcoutim. Se, nas estruturas de Vale do Bôto e do Castelo de Salir, algumas casas tinham acesso com um degrau que subia cerca de 10 cm sobre o nível da rua, no Castelo Velho de Alcoutim, as casas que estavam adossadas à muralha norte e abriam para a rua A, mais alta que o interior das salas, tinham uma laje em cutelo que protegia um ou dois degraus internos.

Os solos destas casas rurais foram habitualmente nivelados com uma fina camada de argila bastante compacta. Directamente sobre o solo, estruturavam-se as lareiras onde se preparavam os alimentos: "o melhor fogo é o suave, nem muito forte nem muito fraco. O de carvão é mais adequado que o de lenha para preparar nele as comidas e infusões e, por sua vez, o de lenha seca é melhor que o de lenha verde" (TRATADO DOS ALIMENTOS, E 147r).

O sistema primitivo de lareira central teve continuidade ao longo de toda a